

Poema Sujo
Ferreira Gullar

**Leia o fragmento do Poema sujo, de
Ferreira Gullar, para responder a
QUESTÃO 09.**

**(...) Sobre os jardins da cidade
urino pus. Me extravio
Na Rua da Estrela, escorrego
No Beco do Precipício.
Me lavo no Ribeirão.
Mijo na Fonte do Bispo.
Na Rua do Sol me cego,
na Rua da Paz me revolto
na do Comércio me nego**

**mas na das Hortas floresço;
na dos Prazeres soluço
na da Palma me conheço
na do Alecrim me perfume
na da Saúde adoeço
na do Desterro me encontro
na da Alegria me perco
Na Rua do Carmo berro
na Rua Direita erro
e na da Aurora adormeço (...)**

**Fonte: GULLAR, Ferreira. Poema sujo. Rio
de Janeiro, José Olympio, 2004, p. 52-53.
e encontro”.**

QUESTÃO 09

Sobre o fragmento, é INCORRETO afirmar que o eu-lírico:

- (A) utiliza antítese para marcar sua relação conturbada com a cidade como em “na da Saúde adoço”.**
- (B) apresenta sensação olfativa para expor seus sentidos como em “na do Alecrim me perfume”.**
- (C) recorre a verso longo para detalhar sua emoção como em “Na Rua Direita erro”.**
- (D) emprega elipse para suprimir “Rua” como em “Na do Desterro me encontro”.**

O AUTOR

Toda sociedade é, por definição, conservadora, uma vez que, sem princípios e valores estabelecidos, seria impossível o convívio social.

Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira, maranhense de São Luís, foi poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta brasileiro. Sua produção poética representa um dos pontos altos da Poesia brasileira de todos os tempos.

Envolvido com seu tempo, participou direta ou indiretamente de todas as tendências a partir dos anos 1950, do Concretismo à Poesia Marginal. Poeta maior, dialogou com todos os ritmos, do formalismo rigoroso, da poesia de Cordel, ao verso livre, cultuando a poesia visual, sensorial, a linguagem rebuscada e a oralidade. Todas essas experiências estão condensadas na obra Poema Sujo.

Meu corpo

que deitado na cama vejo
como um objeto no espaço
que mede 1,70 m
e que sou eu: essa coisa
deitada
barriga pernas e pés
com cinco dedos cada um (por que
não seis?)
joelhos e tornozelos
para mover-se
sentar-se
levantar-se

meu corpo de 1,70 m que é meu tamanho no mundo
meu corpo feito de água
e cinza

que me faz olhar Andrômeda, Sírius, Mercúrio
e me sentir misturado

a toda essa massa de hidrogênio e hélio
que se desintegra e reintegra
sem se saber pra quê

Mas sobretudo meu
corpo
nordestino
mais que isso
maranhense

mais que isso
sanluisense
mais que isso
ferreirense
newtoniense
alziense

meu corpo nascido numa porta-e-janela da Rua dos Prazeres
ao lado de uma padaria
sob o signo de Virgo
sob as balas do 24.º BC
na revolução de 30

e que desde então segue pulsando como um relógio
num tic tac que não se ouve
(senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração)
tic tac tic tac
enquanto vou entre automóveis e ônibus
entre vitrinas de roupas
nas livrarias
nos bares
tic tac tic tac
pulsando há 45 anos
esse coração oculto
pulsando no meio da noite, da neve, da chuva

debaixo da capa, do paletó, da camisa
debaixo da pele, da carne,

combatente clandestino aliado da classe operária
meu coração de menino

POEMA SUJO

Há muitas noites na noite.

Quero que minha poesia seja uma coisa que as pessoas leiam e apreendam o que está sendo dito. Não quero hermetismo, mas, ao mesmo tempo, não quero que a poesia seja uma coisa superficial, que, em função dessa clareza, dessa possibilidade de comunicação, eu sacrifique a beleza, tudo aquilo que é o cerne da poesia. Esse é o grande problema que se coloca para mim/o problema da expressão.

turvo turvo
a turva
mão do sopro
contra o muro
escuro
menos menos
menos que escuro
menos que mole e duro menos que fosso e muro: [menos que furo
escuro
mais que escuro:

claro
como água? Como pluma? Claro mais que claro claro: coisa alguma
e tudo
(ou quase)
um bicho que o universo fabrica e vem sonhando [desde as entranhas

azul
era o gato
azul
era o galo
azul
o cavalo
azul
teu
cu

**tua gengiva igual a tua bocetinha que parecia sorrir entre [as folhas de banana
entre os cheiros de flor e bosta de porco aberta [como uma bocado corpo (não
como a tua boca de palavras) como uma entrada para
eu não sabia tu
não sabias
fazer girar a vida
com seu montão de estrelas e oceano
entrando-nos em ti**

Poema Sujo é a encarnação da saudade daquele que está infelizmente longe de nós, geograficamente, e tão perto de nós como estamos perto dele, na imaginação do poeta, o Brasil que lhe inspirou esses versos. Poema Sujo merecia ser chamado Poema nacional, porque encarna todas as experiências, vitórias, vitórias, derrotas e esperanças da vida do homem brasileiro. É o Brasil mesmo em versos sujos e, portanto, sinceros

Era a vida a explodir por todas as fendas da cidade
sob

as sombras da guerra:

a gestapo a wehrmacht a raf a feb a blitzkrieg
catalinas torpedeamentos a quinta-coluna os fascistas os nazistas os comunistas o re-
pórter isso a discussão na quitanda o querosene o sabão de andiroba o mercado negro
o racionamento o blackout as montanhas de metais velhos o italiano assassinado na
Praça João Lisboa o cheiro de pólvora os canhões alemães troando nas noites de
tempestade por cima da nossa casa. Stalingrado resiste.

Por meu pai que contrabandeava cigarros, por meu primo que passava rifa, pelo tio
que roubava estanho à Estrada de Ferro, por seu Neco que fazia charutos ordinários,
pelo sargento Gonzaga que tomava tiquira com mel de abelha e trepava com a janela
aberta,

pelo meu carneiro manso
por minha cidade azul
pelo Brasil salve salve,

Stalingrado resiste.

A cada nova manhã

nas janelas nas esquinas na manchete dos jornais

Mas a poesia não existia ainda.

Plantas. Bichos. Cheiros. Roupas.

Olhos. Braços. Seios. Bocas.

Vidraça verde, jasmim.

Bicicleta no domingo.
Papagaios de papel.
Retreta na praça.
Luto.
Homem morto no mercado
sangue humano nos legumes.
Mundo sem voz, coisa opaca.
Nem Bilac nem Raimundo. Tuba de alto clangor, lira singela?
Nem tuba nem lira grega. Soube depois: fala humana, voz de
gente, barulho escuro do corpo, intercortado de relâmpagos

Do corpo. Mas que é o corpo?
Meu corpo feito de carne e de osso.
Esse osso que não vejo, maxilares, costelas,
flexível armação que me sustenta no espaço
que não me deixa desabar como um saco
vazio
que guarda as vísceras todas
funcionando

como retortas e tubos
fazendo o sangue que faz a carne e o pensamento
e as palavras
e as mentiras

Poema Sujo incorpora impressões várias de um eu poético sobre as descobertas da infância, da juventude, as questões sociais e a alienação da sociedade, tendo, desde o princípio, como pano de fundo a cidade de São Luís do Maranhão. Mas o caminho percorrido pelos versos do Poema é o dos questionamentos universais dos grandes conflitos humanos.

enterros cursos comícios
roleta bilhar baralho
mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa
e de tempo: mas está comigo está
perdido comigo
teu nome
em alguma gaveta

Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luís do
Maranhão à mesa do jantar sob uma luz de febre entre irmãos
e pais dentro de um enigma?

mas que importa um nome
debaixo deste teto de telhas encardidas vigas à mostra entre
cadeiras e mesa entre uma cristaleira e um armário diante de
garfos e facas e pratos louça que se quebraram já
um prato de louça ordinária não dura tanto
e as facas se perdem e os garfos
se perdem pela vida caem
pelas falhas do assoalho e vão conviver com ratos
e baratas ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de erva cidreira
e as grossas orelhas de hortelã
quanta coisa se perde
nesta vida

Como se perdeu o que eles falavam ali
mastigando
misturando feijão com farinha e nacos de carne assada
e diziam coisas tão reais como a toalha bordada
ou a tosse da tia no quarto
e o clarão do sol morrendo na platibanda em frente à nossa
janela
tão reais que
se apagaram para sempre
Ou não?

Não sei de que tecido é feita minha carne e essa vertigem
que me arrasta por avenidas e vaginas entre cheiros de gás
e mijo a me consumir como um facho-corpo sem chama,
ou dentro de um ônibus
ou no bojo de um Boeing 707 acima do Atlântico
acima do arco-íris
perfeitamente fora
do rigor cronológico
sonhando
Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas
balcões de quitanda pedras da Rua da Alegria beirais de casas
cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do
jantar,

Menos, claro,
nas palafitas da Baixinha, à margem
da estrada de ferro,
onde não há água encanada:
ali
o clarão contido sob a noite
não é
como na cidade
o punho fechado da água dentro dos canos:
é o punho
da vida
fechada dentro da lama

Já por aí se vê
que a noite não é a mesma
em todos os pontos da cidade;
a noite
não tem na Baixinha
a mesma imobilidade
porque a luz da lamparina
não hipnotiza as coisas
como a eletricidade
hipnotiza:

Resta ainda acrescentar
— pra se entender essa noite
proletária —
que um rio não apodrece do mesmo modo
que uma pêra
não apenas porque um rio não apodrece num prato
mas porque nenhuma coisa apodrece
como outra
(nem por outra)

e mesmo
uma banana

não apodrece do mesmo modo
que muitas bananas
dentro de
uma tina

— no quarto de um sobrado
na Rua das Hortas, a mãe
passando roupa a ferro —
fazendo vinagre

(esse era o bonde do Anil
que nos levava
para o banho no Rio Azul)

e as bananas
fermentando
trabalhando para o dono — como disse Marx —
ao longo das horas mas num ritmo

claro claro
mais que claro
raro

o relâmpago clareia os continentes passados:

noite e jasmim
junto à casa

vozes perdidas na lama
domingos vazios

água sonhando na tina
pátria de mato e ferrugem

busca de cobre e alumínio
pelos terrenos baldios
economia de guerra?
pra mim
torresmo e cinema

Sozinho naquele
desaguadouro de rio

sob o sol duro do trópico
sozinho na tarde no planeta na história

Que me ensinavam essas aulas
de solidão
entre coisas da natureza
e do homem?
O alto galpão de zinco
clarões de solda
operários na penumbra
paredes negras de fumo
Não era uma casa: uma casa
tem cadeiras mesa poltronas
Um templo
seria? mas
sem nichos sem altar sem santos?
Que era aquilo-uma-usina?

Quantas tardes numa tarde!
e era outra, fresca,
debaixo das árvores boas a tarde
na praia do Jenipapeiro
Ou do outro lado ainda
a tarde maior da cidade
amontoadas de sobrados e mirantes
ladeiras quintais quitandas
hortas jiraus galinheiros
ou na cozinha (distante) onde Bizuza
prepara o jantar
e não canta

TRENTINHO CAIPIRA – UM DOS PONTOS ALTOS DA OBRA

Sei é que, certa tarde, sozinho no apartamento (na antiga rua Montenegro, hoje Vinícius de Moraes, em Ipanema), pus na vitrola um disco com as "Bachianas" e ouvi, pela primeira vez, a do trentinho do caipira.

Entrei em transe. É que, quando menino, meu pai, que fazia comércio ambulante, me levava nas viagens de trem entre São Luís e Teresina. O trem saía de madrugada e, ao amanhecer, cortava o Campo dos Perizes, um vasto pantanal, povoado de garças, marrecos, nhambus, pássaros de todo tamanho e cor. Eu ficava deslumbrado, a cada viagem.

Deslumbramento esse que voltou quando ouvi a "Tocata" da "Bachiana nº 2". Tive o ímpeto naquele instante, de pôr letra na música, mas não consegui. E não tentei uma vez só, não, mas várias, ao longo dos anos, sem resultado.

Pois bem, em 1975, ao escrever o "Poema Sujo", em Buenos Aires, evoco aquelas viagens que fazia com meu pai e, então, enquanto, antes, era a música de Villa-Lobos que me fazia lembrar das viagens, agora elas é que me fizeram lembrar da "Bachiana nº 2" e, assim, a letra que não conseguira escrever em 20 anos, escrevi em 20 minutos.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0612200923.htm>

Trenzinho Caipira

Para ser cantado com a música da Bachiana N° 2, da Tocata de Heitor Villa-Lobos

Lá vai o trem com o menino

Lá vai a vida a rodar

Lá vai ciranda e destino

Cidade e noite a girar

Lá vai o trem sem destino

Pro dia novo encontrar

Correndo vai pela terra

Vai pela serra

Vai pelo mar

Cantando pela serra do luar

Correndo entre as estrelas a voar

No ar no ar no ar no ar no ar

piuí piuí piuí
adeus meu grupo escolar
adeus meu anzol de pescar
adeus menina que eu quis amar
que o trem me leva e nunca mais vai parar

VAARÃ VAARÃ VAARÃ VAARÃ
tuc tchuc tuc tchuc tuc tchuc

brisa branca brisa fria
cinzentura quase dia

Iuí Iuí Iuí Iuí Iuí
tuc tchuc tuc tchuc tuc tchuc

lará lará larará
lará lará larará

Já passamos por Rosário
por Vale-Quem-Tem, Quelru.
Passamos por Pirapemas
e por Itapicuru:
mundo de bois, siriemas,
jaçanã, pato e nhambu
café com pão
bolacha não
café com pão
bolacha não
vale quem tem
vale quem tem
vale quem tem
vale quem tem
nada vale
quem não tem
nada não vale
nada vale
quem nada
tem
neste vale

nada
vale
nada
vale
quem
não
tem
nada
no
v
a
l
e

TCHIBUM!!!

Em uma rotina quase desesperada, entre a máquina de escrever e a vista da janela para a Avenida Honorio Pueryredon, na capital argentina, Gullar passou seis meses do ano de 1975 escrevendo o que imaginava ser a última obra de sua vida.

Gullar atingia uma linguagem viva com Poema Sujo, considerado por Vinicius a mais importante obra poética brasileira já publicada. "Sujo" porque expressa um desabafo e expõe as vísceras em forma de poesia. "Eu vivia um momento particularmente difícil da minha vida, com meus filhos doentes e uma dor aguda pela separação forçada de meu país", disse ele, em entrevista ao Estado, em 2002.

Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,ferreira-gullar-deixa-uma-obra-prima-poema-sujo,10000092479>

Muitos
muitos dias há num dia só
porque as coisas mesmas
os compõem
com sua carne (ou ferro
que nome tenha essa
matéria-tempo
suja ou
não)
os compõem
nos silêncios aparentes ou grossos
como colchas de flanela
ou água vertiginosamente imóvel
como
na quinta dos Medeiros, no poço
da quinta
coberto pela sombra quase pânica
das árvores
de galhos que subiam mudos
como enigmas
tudo parado
feito uma noite verde ou vegetal
e de água

dias que se vazam agora ambos em pleno coração
de Buenos Aires

às quatro horas desta tarde
de 22 de maio de 1975
trinta anos depois

muitos
muitos são os dias num só dia
fácil de entender
mas difícil de penetrar
no cerne de cada um desses muitos dias
porque são mais do que parecem
pois

dias outros há
ou havia
naquele dia do poço
da quinta
também dentro e fora
porque não é possível estabelecer um limite
a cada um desses

Numa noite há muitas noites
mas de modo diferente
 de como há dias
 no dia
 (especialmente nos bairros
 onde a luz é pouca)
 porque de noite
todos os fatos são pardos
 e a natureza fecha
 os olhos coloridos

 E assim as muitas noites
parecem uma só
 ou no máximo duas:
sendo a outra
 a noite de dentro de casa
 iluminada a luz elétrica

De noite, como
a luz é pouca,
a gente tem a impressão
de que o tempo não passa
 ou pelo menos não escorre

Poema Sujo dialoga com a poesia e a cultura popular incorporada pelo inconsciente de Ferreira Gullar. O poeta repercute todo o repertório de sua longa e ampla formação.

Mas desses índios timbiras
nada resta, senão coisas contadas em livros
e alguns poemas em que se tenta
evocar a sombra dos guerreiros
com seu arco
ocultos entre as folhas
(o que não impede que algum menino
tendo visto no palco da escola
Y Juca Pyrama

saia a buscar
pelos matos da Maioba ou da Jordoa
— o coração batendo forte —
vestígios daqueles homens,
mas não encontra mais
que o rumor do vento nas árvores)

(...)

tudo isso se passa
como parte da história dos matos e dos pássaros
E na história dos pássaros
os guerreiros continuam vivos.

O mamoeiro rente ao muro
amadurecia um mamão para a sobremesa do doutor
(isso por volta de 1942, 43,
quando chegaram os americanos
para construir a base aérea do Tirirical:
compraram todas as frutas e legumes
do Mercado
pagaram um salário incrível pro Antônio José
e puseram o pé em cima da mesa
no Moto Bar)
E os canários, nem-seu-souza,
trinavam na gaiola de prata

Camélia caiu na vida
porque ainda não existia a pílula
Pagou caro aquele amor
feito com dificuldade
detrás do jirau de roupas
em pé junto à cerca
enquanto a família dormia
(o mesmo gosto de hortelã
das pastilhas de aniversário)

Seu pai, seu Cunha, o barbeiro,
quase morre de vergonha,
ele que fazia a barba
de todos os homens da rua
(e o curió na gaiola,
nem-seu-souza).
Por que vai um homem ter filhas,
meu Deus? E ele tinha três.
A mais velha, que era mais sonsa,
foi ao Josias tomar
uma injeção de Eucaliptina
e o enfermeiro aconselhou:
“Dói muito. É melhor num lugar
que tenha mais carne”.
E desde esse santo dia
era injeção toda tarde.
(e o curió,
nem-seu-souza)
A terceira ficou séria
e virou filha de Maria
(e o curió,
nem-seu-souza)
Já o canário-da-terra
parou de cantar quando
numa manhã de domingo
seu Neco matou a mulher
que — dizem — lhe punha chifres:
a gaiola rolou no chão.

*Salve a mulher de amarelo
Põe a de verde no chinelo
Mas a mulher de estampado
Deixa o homem amarrado*

Mas essa é a história de pássaros
já de há muito urmanizados
pois a história dos pássaros
pássaros
só os guerreiros conhecem
só eles a entendem quando o vento
(numa lembrança)
sopra-a nas árvores de São Luís.

Ferreira Gullar deixa uma obra-prima: 'Poema Sujo'

Escritor morreu neste domingo, 4, aos 86 anos

Ubiratan Brasil, O Estado de S.Paulo – 04 de dezembro de 2016 | 15h10

(Se tivesse me casado com Maria de Lourdes,
meus filhos seriam dourados uns, outros
morenos de olhos verdes
e eu terminaria deputado e membro
da Academia Maranhense de Letras;
se tivesse me casado com Marília,
teria me suicidado na discoteca da Rádio Timbira)

O homem está na cidade
como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade

mas variados são os modos
como uma coisa
está em outra coisa:
o homem, por exemplo, não está na cidade
como uma árvore está
em qualquer outra
nem como uma árvore
está em qualquer uma de suas folhas
(mesmo rolando longe dela)
O homem não está na cidade
como uma árvore está num livro
quando um vento ali a folheia

a cidade está no homem
mas não da mesma maneira
que um pássaro está numa árvore
não da mesma maneira que um pássaro
(a imagem dele)
está/va na água
e nem da mesma maneira
que o susto do pássaro
está no pássaro que eu escrevo

a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa

cada coisa está em outra
de sua própria maneira
e de maneira distinta
de como está em si mesma

a cidade não está no homem
do mesmo modo que em suas
quitandas praças e ruas

Buenos Aires, maio/outubro de 1975

Não seria correto dizer
que a vida de Newton Ferreira
escorria ou se gastava
entre cofos de camarões, sacas de arroz
e paneiros de farinha-d'água
naquela sua quitanda
na esquina da Rua dos Afogados
com a Rua da Alegria.

(...)

Mas de Newton Ferreira, ex-
center-forward da seleção maranhense,
que dez vezes faliu
e que era conhecido de todos na zona do comércio,
não há nenhum traço
naquele chão de mosaico verde e branco
(inutilmente o buscarás também
na sessão desta noite do poeira)

A cidade no entanto poderás vê-la do alto praticamente a mesma
com suas ruas e praças
por onde ele caminhava .

Ah, minha cidade verde
minha úmida cidade
constantemente batida de muitos ventos
rumorejando teus dias à entrada do mar
minha cidade sonora
esferas de ventania
rolando loucas por cima dos mirantes
e dos campos de futebol
verdes verdes verdes verdes
ah sombra rumorejante
que arrasto por outras ruas

Desce profundo o relâmpago
de tuas águas em meu corpo,
desce tão fundo e tão amplo
e eu me pareço tão pouco
pra tantas mortes e vidas
que se desdobram
no escuro das claridades,
na minha nuca,
no meu cotovelo, na minha arcada dentária
no túmulo da minha boca
palco de ressurreições
inesperadas

Me reflito em tuas águas
recolhidas:

no copo

d'água

no pote d'água

na tina d'água

no banho nu no banheiro

vestido com as roupas

de tuas águas

que logo me despem e descem

diligentes para o ralo

como se de antemão soubessem

para onde ir

Para onde

foram essas águas

de tantos banhos de tarde?

Sobre os jardins da cidade
urino pus. Me extravio
na Rua da Estrela, escorrego
no Beco do Precipício.
Me lavo no Ribeirão.
Mijo na Fonte do Bispo.
Na Rua do Sol me cego,
na Rua da Paz me revolto
na do Comércio me nego
mas na das Hortas floresço;
na dos Prazeres soluço
na da Palma me conheço
na do Alecrim me perfumeo
na da Saúde adoeço
na do Desterro me encontro
na da Alegria me perco
Na Rua do Carmo berro
na Rua Direita erro
e na da Aurora adormeço
Acordo na zona.

Vou pousar no sorriso de Isabel
Tropeço num preconceito caio das nuvens
descubro Marília
me aconchego em suas pétalas como a pomba
do Divino entre rosas na bandeja.

Mas vem junho e me apunhala
vem julho me dilacera
setembro expõe meus despojos
pelos postes da cidade
(me recomponho mais tarde,
costuro as partes, mas os intestinos
nunca mais funcionarão direito)

Prego a subversão da ordem
poética, me pagam. Prego
a subversão da ordem política,
me enforcam junto ao campo de tênis dos ingleses
na Avenida Beira-Mar

(e os canários,
nem-seu-souza: improvisam
em sua flauta de prata)

Vendo o que tenho e mudo
para a capital do país.

E que melhor se vê uma cidade
quando — como Alcântara —
todos os habitantes se foram
e nada resta deles (sequer
um espelho de aparador num daqueles
aposentos sem teto) — se não
entre as ruínas
a persistente certeza de que
naquele chão
onde agora crescem carrapichos
eles efetivamente dançaram
(e quase se ouvem vozes
e gargalhadas
que se acendem e apagam nas dobras da brisa)

Mas
se é espantoso pensar
como tanta coisa sumiu, tantos
guarda-roupas e camas e mucamas
tantas e tantas saias, anáguas,
sapatos dos mais variados modelos
arrastados pelo ar junto com as nuvens,
a isso
responde a manhã
que
com suas muitas e azuis velocidades
segue em frente
alegre e sem memória

Porque
quando todos esses sóis se apagam
resta a cidade vazia
(como Alcântara)
no mesmo lugar.

Porque
diferentemente do sistema solar
a esses sistemas
não os sustém o sol e sim
os corpos
que em torno dele giram:
não os sustém a mesa
mas a fome
não os sustém a cama
e sim o sono
não os sustém o banco
e sim o trabalho não pago

E essa é a razão por que
quando as pessoas se vão
 (como em Alcântara)
apagam-se os sóis (os
 potes, os fogões)
 que delas recebiam o calor

 essa é a razão
 por que em São Luís
donde as pessoas não se foram
 ainda neste momento a cidade se move
 em seus muitos sistemas
 e velocidades
 pois quando um pote se quebra
 outro pote se faz
 outra cama se faz
 outra jarra se faz
 outro homem
 se faz
para que não se extinga
 o fogo
 na cozinha da casa

QUARTO DE DESPEJO DIÁRIO DE UMA FAVELADA
CAROLINA MARIA DE JESUS

28 de maio (1959) ... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.

Leia o fragmento de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, e observe a imagem para responder a QUESTÃO 13.

...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (...)

Fonte: JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo, Ática, 2000, p. 33.



Fonte: Disponível em:
<[www.tucavieira.com.br/A-foto-da-favela-de-](http://www.tucavieira.com.br/A-foto-da-favela-de-Paraisopolis)
Paraisopolis>. Acesso em: fevereiro de 2019.

QUESTÃO 13

Em relação ao fragmento do romance de Carolina Maria de Jesus e à imagem, é CORRETO afirmar que ambos:

- (A) apresentam situações de desigualdade social e segregação espacial.**
- (B) exibem um contraponto entre um cenário campestre e um citadino.**
- (C) expõem as relações harmoniosas e o ambiente lúdico das cidades.**
- (D) elogiam a organização social e a arquitetura urbana.**

Nascida em Sacramento-MG, em 1914, Carolina Maria de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do país. A autora viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, sustentando a si mesma e seus três filhos como catadora de papéis. Em 1958, tem seu diário publicado sob o nome Quarto de Despejo, com auxílio do jornalista Audálio Dantas. O livro fez um enorme sucesso editorial no Brasil e foi traduzido para quatorze línguas.

27 de junho (1958) (...) – Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque eu não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer:

- Muito bem, Carolina!

pp. 73, 74

Os diários da escritora Carolina Maria de Jesus podem ser lidos e entendidos como instrumentos múltiplos. A autora fazia da palavra uma arma contra o preconceito, pois, quando insultada pelos moradores da favela, respondia: “vou colocar isso no meu livro”.

Nesse sentido, sua escrita funcionava ainda como uma tentativa de instaurar a ordem, mesmo que mínima, naquela terra de ninguém. Seus cadernos descreviam o que a autora presenciava pelas ruas da favela de Canindé: as brigas, os assassinatos, a prostituição infantil, a miséria, a fome, o descaso social, enfim, a precariedade da vida.

1 de julho (1958) ... Eu percebo que. se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar.

GÊNERO TEXTUAL

A obra de Carolina Maria de Jesus se enquadra como Literatura contemporânea, que tem como uma das principais marcas a intergenerecidade, os gêneros híbridos. Configura-se como diário pessoal, mas evidencia elementos da narrativa, como o conflito central e seu fio condutor que se desenvolve em determinado tempo e espaço. Aproxima-se também dos textos jornalísticos, como a reportagem e a crônica.

Mas é como diário que a obra é apresentada – Diário de uma favelada.

17 de julho (1955) Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O Sol está tepido. Deixei o leito as 6,30. Fui buscar agua. Fiz café. Tendo só um pedaço de pão e 3 cruzeiros. Dei um pedaço a cada um, pois feijão no fogo que ganhei ontem do Centro Espírita da Rua Vergueiro 103.

p.14

3 de maio (1956) Hoje é domingo. Eu vou passar o dia em casa. Não tenho nada para comer. Hoje estou nervosa, desorientada e triste. Tem um português que quer morar comigo. (...)

... Hoje o Frei veio rezar a missa na favela. Ele pois nome na favela de Bairro do Rosário. Vem varias pessoas ouvir a missa. No sermão o padre pede ao povo para não roubar. (...)

p.162

11 de maio (1958) Dia das mães. O céu está azul e branco. Parece que até a Natureza quer homenagear as mães que atualmente se sentem infeliz por não poder realizar os desejos de seus filhos.

13 de maio (1958) (...) Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia de comemorarmos a libertação dos escravos. (...)

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome.

pp.30, 32

14 de setembro (1958) ... Hoje é dia da páscoa de Moisés. O Deus dos judeus. Que libertou os judeus até hoje. O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite. E o judeu porque é inteligente. Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhe conforto e riquezas. É por isso que os judeus quase todos são ricos.

Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós.

p. 131

OS FILHOS

7 de junho (1958) Os meninos tomaram café e foram a aula. Eles estão alegres porque hoje teve café. Só quem passa fome é que dá valor a comida.

Eu e Vera fomos catar papel. (...)

p. 53

Vera Eunice

15 de julho de 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização de nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo e remendei para ela calçar.

(...) A minha filha Vera Eunice dizia: - Vai buscar agua mamãe!

16 de julho Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar agua. Fiz o café. (...)

pp. 11, 12

José Carlos

6 de agosto (1959) Hoje é aniversário do José Carlos, 9 anos. Ele é de 1950. Tempo bom! Mas ele quer ter 10 anos, porque quer namorar a Clarinda.

Eu saí. Levei a Vera. Catei papeis, achei um par de sapatos no lixo. Vendi por 20 cruzeiros. Voltei para a favela. Comprei meio quilo de carne. Fiz bife. Almocei.

8 de julho (1958) (...) ... Dei graças a Deus quando cheguei na favela. Uma senhora estava esperando-me. Disse que João havia machucado a sua filha. Ela disse-me que o meu filho tentou violentar a sua filha de 2 anos e que ela ia dar parte no Juiz. Se ele fez isso quem há de interná-lo sou eu. Chorei.

... Deitei o José Carlos e saí com o João. Fui no Juizado para saber se havia possibilidade de interná-lo. Preciso retirá-lo da rua porque agora tudo que aparecer de mal vão dizer que foi ele. (...)

12 de julho (1958) (...) O José Carlos foi na feira. Eu servi os ossos para fazer uma sopa. A Vera não quiz. O Frei Luiz está pondo a tela, para passar o cineminha. Não vou comparecer porque estou doente. O João pediu-me para irmos. Disse-lhe que enquanto residirmos aqui na favela ele não há de brincar com mais ninguém. Antes eu falava ele revoltava. Agora eu falo ele ouve. Eu pretendia conversar com meu filho as coisas sérias da vida só quando ele atingisse a maioridade.

Mas quem reside na favela não tem quadra de vida. Não tem infância, juventude e maturidade.

O meu filho, com 11 anos já quer mulher. Expliquei-lhe que ele precisa tirar o diploma do grupo. E estudar depois, que o curso primário é muito pouco.

OS POLÍTICOS

17 de julho (1955) (...) Depois que operei, fiquei boa, graças a Deus. E até pude dançar no Carnaval, com minha fantasia de penas. Quem operou-me foi o Dr. José Torres Netto. Bom médico. E falamos de políticos. Quando uma senhora perguntou-me o que acho do Carlos Lacerda, respondi concientemente:

- Muito inteligente. Mas não tem educação. É um politico de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador.

Uma senhora disse que foi pena! A bala que pegou o major podia acertar no Carlos Lacerda.

- De que partido é aquela faixa?

Li P.S.B. e respondi Partido Social Brasileiro. Passou o Senhor Germano, ela perguntou novamente:

- Senhor Germano, esta faixa é de que partido?

- Do Janio.

Ela rejubilou-se e começou dizer que o Dr. Ademar de Barros é um ladrão. Que só as pessoas que não presta é que aprecia e acata o Dr. Adhemar. D. Maria disse:

- Eu sempre fui ademarista. Gosto muito dele e de D. Leonor.

A Florenciana perguntou:

- Ele já deu esmola a senhora?

- Já, deu o Hospital das Clínicas.

Chegou a minha vez, pois a minha lata para encher. A Florenciana prosseguiu elogiando o Janio. (...)

3 de novembro (1958) ... Catei uns ferros. Deixei um pouco no deposito e outro pouco eu trouxe. Quando passei na banca de jornais li este slogan dos estudantes:

Juscelino esfola!

Adhemar rouba!

Jânio mata!

A Camara apoia!

E o povo paga!

(...)

AS PESSOAS DA FAVELA

18 de julho (1955) Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber ... 60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de Cacao para Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou impricar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com crianças! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela.

Surgiu a D. Cecilia. Veio repreender os meus filhos. Lhe joguei uma direta, ela retirou-se. Eu disse

- Tem mulher que diz saber criar os filhos, mas algumas tem filhos na cadeia classificado como mau elemento.

Ela retirou-se. Veio a indolente Maria dos Anjos. Eu disse:

- Eu estava discutindo com as notas, já começou a chegar os trocos. Os centavos. É vocês quem vem na minha porta, aborrecer-me. Eu nunca chinguei filhos de ninguém, nunca fui na porta de vocês reclamar contra seus filhos. Não pensa que eles são santos. É que eu tolero crianças.

Veio a D. Silvia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhos são mal iducados. Mas eu não encontro defeito nas crianças. (...)

Veio o peixeiro Senhor Antonio Lira e deu-me uns peixes. Vou fazer o almoço. As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. (...)

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. (...)

19 de julho (1955) (...) ... Nas favelas, as jovens de 15 anos permanecem até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes, contam suas aventuras (...) Há os que trabalham, os jovens é que renegam o trabalho. Tem as mães, que catam frutas e legumes nas feiras. Tem as igrejas que dá pão. Tem o São Francisco que todos os meses dá mantimentos, café, sabão etc.

19 de julho (1955) Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. (...) quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava a espera do Binidito e do Miguel para matá-los, que eles lhe expancaram quando ele estava embriagado.

Lhe aconselhei a não brigar, que o crime não trás vantagens a ninguém, apenas deturpa a vida. Senti o cheiro do álcool, disisti. Sei que os ebrios não atende. O senhor Ismael quando não está alcoolizado demonstra sua sapiência. Já foi telegrafista. É do Circulo Exoterico. Tem conhecimentos bíblicos, gosta de dar conselhos. Mas não tem valor. Deixou o álcool lhe dominar (...)

18 de maio (1958) ... Na favela tudo circula num minuto. E a notícia já circulou q a D. Maria José faleceu. (...)

D. Maria era crente e dizia que os crentes antes de morrer já estão no céu. O enterro é as treis da tarde. Os crentes estão entoando um hino. As vozes são afinadas. Tenho a impressão que são anjos que cantam. Não vejo ninguém bebado. (...)

28 de maio (1958) (...) ... O que eu quero esclarecer sobre as pessoas que residem na favela é o seguinte: quem tira proveito aqui são os nortistas. Que trabalham e não dissipam. Compram casa ou retornam-se ao Norte.

... Aqui na favela há os que fazem barracões pra residir e os que fazem para alugar. E os alugueis são 500 700,00. E os que fazem barracões para vender. Gasta 4 mil cruzeiros e vendem por 11 mil cruzeiros. Quem fez muitos barracões para vender foi o Tibúrcio.

p. 46

27 de junho (1958) Hoje a Leila está embriagada. E eu fico pensando como é que uma mulher que tem duas filhas em idade tenra pode embriagar-se até ficar inconsciente. Dois homens vieram trazê-la nos braços. E se ela rolar na cama e esmagar a recém nascida?

... O que eu acho interessante é quando alguém entra num bar ou empório logo aparece um que oferece pinga. Porque não oferece um quilo de arroz, feijão, doce etc?

p. 72

31 de agosto (1958) ... Dizem que vai ter baile por causa do batisado da menina da Leila. Estão cantando e bebendo.

p. 119

28 de junho (1958) ... Hoje à noite vai ter uma corrida aqui na favela. A corrida é promovida pelo Rubro Negro. Tipo corrida São Silvestre. Compraram pinga para fazer quentão. Quentão para os adultos e batata doce para as crianças. (...)

29 de junho (1958) (...) Quando cheguei na favela estavam organizando uma corrida só para mulheres. Na rua “A” tem um baile. Depois que a favela superlotou-se de nortistas tem mais intriga. Mais polemica e mais distrações. A favela ficou quente igual pimenta.

pp. 74, 75

22 de outubro (1958) ... O Orlando veio cobrar a água – 25 cruzeiros. (...)

23 de outubro (1958) ... O Orlando vivia fazendo biscate. Agora que passou a ser o encarregado da luz e da água deixou de trabalhar. De manhã ele senta lá na torneira e fica dando palpites. Eu penso: ele perde, porque a língua das mulheres da favela é de amargar. Não é de ossos, mas quebra ossos.

Até o Lacerda perde para as mulheres da favela.

OS HOMENS

19 de julho (1955) (...) Vendi as latas e os metais. Ganhei 31 cruzeiros. Fiquei contente. Perguntei:

- Seu Manoel, o senhor não errou na conta?

- Não. Porque?

- Porque o saco de latas não pesava tanto para eu ganhar 31 cruzeiros. É a quantia que eu preciso para pagar a luz.

26 de julho (1958) (...) ... O senhor Manoel chegou. Deu-me 80 cruzeiros, eu não quiz pegar. Procurei as crianças para tomar banho. Ficaram alegres quando viram o senhor Manoel. Eu disse para o senhor Manoel que ia passar a noite escrevendo. Ele despediu-se e disse:

- Até outro dia!

Nossos olhares se encontraram e eu lhe disse:

- Vê se não volta mais aqui. Eu já estou velha. Não quero homens. Quero só os meus filhos.

Ele saiu. Ele é muito bom e iducado. E bonito. Qualquer mulher há de gostar de ter um homem como ele é. Agradavel no falar.

... O Frei Luiz apareceu e deu aula de catecismo para as crianças. Fizeram uma procissão. Eu não compareci.

16 de janeiro (1959) ... Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolvia os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra.

Para dissipar a tristeza que estava arroxando a minha alma, eu fui falar com o cigano. Peguei os cadernos e o tinteiro e fui lá. Disse-lhe que tinha retirado os originais no Correio e estava com vontade de queimar os cadernos.

Ele começou a contar as suas aventuras. (...)

Em Quarto de despejo, o que se percebe é o registro das atividades rotineiras de Carolina, mas é também o relato da forma como vivem aqueles que foram relegados às margens da sociedade. Carolina não escreve para guardar; seu diário é, paradoxalmente, a tentativa de levar ao conhecimento de todos o que acontece no “quarto de despejo”.

Disponível em: e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/, adaptado.

5 de novembro (1958) (...) Vinha pela rua catando os pedaços de ferro que encontrava. Passei na Dona Julita e pedi comida. Ela esquentou comida para mim. A dona Julita me deu sopa, café e pão. Ei comi lá na Dona Julita. Era treis horas. Fiquei indisposta. Os moveis girando ao meu redor. É que meu organismo não está habituado com as reconfortantes.

8 de junho (1959) ... Quando cheguei e abri a porta, vi um bilhete. Conheci a letra do reporter. Perguntei a Dona Nena se ele esteve aqui. Disse que sim. (...) O bilhete dizia que a reportagem vai sair no dia 10, no Cruzeiro. Que o livro vai ser editado. Fiquei emocionada.

O senhor Manoel chegou. Disse-lhe que a reportagem vai sair 4ª feira e que o repórter quer levar o livro para imprimir..

- Eles ganham dinheiro nas tuas costas e não te pagam. Eles estão te embrulhando. Você não deve entregar o livro.

Eu não imprecionei com as ironias do senhor Manoel.

31 de dezembro (1959) (...) Espero que 1960 seja melhor que 1959. Sofremos tanto no 1959, que dá para a gente dizer:

Vai, vai mesmo!

Eu não quero você mais.

Nunca mais!

1 de janeiro (1960) Levantei as 5 horas e fui carregar água.